

Che Guevara: múltipla imagem da dupla face de Che e escritos sobre a construção do socialismo e a juventude

Pedro Castro* Mary Garcia Castro**

De seu humanismo comunista emergiu o pedestal de sua imagem mística, atualmente até mercantilizada, que, não obstante, os seus mais ferrenhos inimigos tentam também destruir ou ao menos desconstruir. Que se cuidem estes se, mais dia menos dia, as grandes massas exploradas, sobretudo jovens, da humanidade atual, não se contentarem com o empolgamento apenas com essa sua face, mas passarem igualmente e se encantarem com a outra, a do ódio ao inimigo de classe.

Múltipla imagem da dupla face de Che

É deveras notável a amplitude atual das visões ou imagens sobre a personalidade, o papel, a trajetória, o significado da vida e sobretudo da dialética entre a vida e a morte de Che Guevara. Ao ensejo dos quarenta anos de sua morte, qualquer tentativa de resumi-la esbarra numa imensidão de antecedentes, inclusive de textos e outras referências impressas, televisivas e radiofônicas sobre o que aqui estamos considerando a sua dupla face, tanto da ótica de seus inimigos quanto de seus amigos.

A título de ilustração dessas imagens, começemos com dois exemplos sintomáticos de versões de ontem e de hoje dos seus inimigos. Segundo o livro organizado por Maurício Dias e Mario J. Cereghino, em 1967, relatório secreto da Central Intelligence Agency (CIA), dos EUA, sobre a guerrilha da Bolívia, dizia:

Che teria afirmado que a guerrilha deve ser o núcleo do ímpeto revolucionário... Guevara também teria confessado que o apoio político exterior é necessário para a vitória da revolução na América Latina, embora, de início, a luta tenha





de parecer um assunto estritamente interno. Com o progresso da revolução 'seu caráter internacionalista e proletário se tornará um fato'. Em outras palavras, a assistência exterior às revoluções não pode ser escondida por muito tempo... O 'espectro' de Che, que foi eleito presidente honorário in absentia da conferência da Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS) em Havana, simboliza de modo claro a abordagem militante que Fidel Castro deseja conferir a esta Assembléia (in DIAS, Maurício & CEREGHINO, Mario J. Relatório da CIA - Che Guevara. Ediouro, 2007. p. 79).

E, oito dias após o assassinato de Che Guevara, na Bolívia, o então embaixador dos EUA naquele país, pedindo sigilo sobre o nome do seu informante, reportava a Washington, em 16 de outubro, a partir das inconfidências do repórter da United Press, Carlos Villaborda: "O jornalista soube pelo responsável da CBS na Bo-

lívica que a rede possui um vídeo que seria a prova do envolvimento da CIA na captura e execução de Che Guevara... Assim como no passado recente, é nossa intenção nos entrincheirar em um no comentário a respeito". E, mais oito dias após a sua morte, o mesmo embaixador transmite ao Departamento de Estado estadunidense a matéria então publicada pelo diário El Siglo, do Chile, e assinada pelo jornalista Eduardo Labarca, cujo texto dinamitava a versão até então argüida pelo governo boliviano. Dizia o embaixador:

Ele escreve que uma importante fonte oficial de La Paz lhe revelou que a CIA participou da execução de Che Guevara. O cubano Feliz Rodriguez foi indicado como o agente da CIA presente no local... Labarca afirmava que a história da cremação do cadáver de Che era falsa e que na verdade o corpo estava sepultado nas cercanias do necrotério de Vallegrande (in DIAS e CEREGHINO. Op. cit. p. 99).

Outra pérola das interpretações dos inimigos de Che Guevara sobre sua vida e sua morte, esta bastante atual, ainda que escandalosamente caricata, é a da satânica revista *Veja*, da Editora Abril, de propriedade da família Civita, para quem "Che teria seu lugar assegurado na mesma lata de lixo onde a história já arremessou há tempos outros teóricos e práticos do comunismo, como Lênin, Stalin, Trotsky, Mao e Fidel Castro". Para esse sinistro periódico da imprensa escrita brasileira, com base no depoimento de quatro refugiados traidores da revolução cubana hoje encastelados na cidade de Miami, nos EUA, a vida de Che Guevara teria sido "uma seqüência de fracassos".

Em sua lunática apelação contra o que consideram um mito farsante da imagem do Che argüem, entre outras insânias, que este "não gostava de tomar banho e tinha cheiro de rim fervido" (in revista *VEJA*. Ed. Abril, 03/10/2007).

Nas versões dos seus assumidos amigos, quando não declaradamente companheiros ou camaradas, citaríamos inicialmente o sociólogo franco-brasileiro Michael Löwy (in *LÖWY, Michael. Os cadernos inéditos de Che Guevara. Le Monde Diplomatique Brasil*, out/2007, p. 26/27), diretor de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), professor da Universidade de Paris, notoriamente de tendência trotskista e autor de muitas obras, inclusive de um livro sobre o Che, sobretudo com base em carta de Che Guevara a seu amigo Armando Hart, de 1965, em idéias de autores da revista *Pensamento Critico*, dos anos 60/70 (entre os quais Fernando Martinez Heredia, autor do livro

Che, el Socialismo y el Comunismo, premiado pela Casa de Las Américas, em 1989) e em obras posteriores de Che, sobre guerra de guerrilhas, economia e política. Löwy destaca o que considera uma “independência de espírito de Guevara”, seu “distanciamento crítico em relação ao ‘socialismo real’” e sua “busca de uma via radical”, além do que considera “os limites de sua reflexão”. De um lado, Löwy opina que tal independência de espírito de Che expressara-se em suas posições críticas à Nova Política Econômica da então URSS – que Lênin teria deixado de corrigir “por ter cometido o erro de morrer”. Os equívocos da NEP teriam sido devidos a uma “cumplicidade tática que os países socialistas de então teriam tido com os países exploradores do Ocidente”, em detrimento da efetivação do internacionalismo proletário e da percepção da supremacia e da relevância do planejamento central (no interior do qual se destaca o papel do ‘homem novo’) sobre as leis do valor e do mercado. A “independência de espírito” a que se refere Löwy também restaria patente na sugerida crítica explícita de Guevara à linha que considerava possível “a construção do comunismo em um só país”, caracterizando a posição geral de Che como “um caminho para uma alternativa comunista/democrática ao então modelo soviético”. Por outro lado, Löwy considera como limite do pensamento de Guevara, ao menos na primeira fase de suas reflexões mais conhecidas, o não ter compreendido a questão do stalinismo, embora tivesse se dado conta do que Löwy considera “o papel nefasto de Stalin”.

A complexidade do humanismo revolucionário do Che alerta para a marca peculiar e o sentido de seus textos endereçados aos jovens.

Uma segunda interpretação do papel e do pensamento de Che Guevara está contida no livro supracitado de Heredia (HEREDIA, Fernando Martinez. *Che, el socialismo y el Comunismo*. La Habana: Ediciones Casa de las Américas, 1989. ps. 175/176 e 178), que, em alguns pontos centrais, coincide com as idéias já anunciadas de Michael Löwy. Contudo, há dois outros pontos-chave destacados por Heredia que nos parecem relevantes no que significa hoje em dia o papel representado por Che na luta pelo socialismo e pelo comunismo. O primeiro diz respeito às “relações entre o pensamento e a conduta”, considerado por este autor como um dos aspectos fundamentais na concepção de Guevara. No plano individual, chamou a atenção de Heredia como as pessoas que foram as companheiras mais próximas do Che, mas também quadros e militantes das fileiras partidárias, o avaliavam dizendo sempre que

O Che forjou-se a si próprio. Autocontrole, autodisciplina, auto-educação, enfim, estariam envolvidos nas multidões de anedotas e avaliações do Che, em termos de sua severidade autocrítica, sua austeridade merecidamente famosa, sua integridade absoluta. Nesse sentido, haveria uma consequência rigorosa entre essa forma permanente de si próprio e de suas idéias sobre a formação do homem... O Che



viveu e anunciou com sua própria vida a possibilidade de uma experiência humana mais integral, de uma libertação das pessoas que só o nosso tempo pode pretender realizar em escala de milhões

Para Che, o destino individual de grande parte dos membros da vanguarda da fase inicial da transição socialista era o de consumir-se na atividade que lhes tocava, do que sua própria vida foi um dos exemplos lapidares. No plano dos acontecimentos, como exemplo de que Che via na conduta conseqüente convertida em força organizada a criação de realidades que o pensamento prefigura e é capaz de projetar dentro do que é objetivamente possível, Heredia cita como ponto central na posição teórica e na prática revolucionária de Che Guevara

a concepção unitária da luta pelo socialismo antes e depois da tomada do poder político, mediante uma estratégia internacionalista de alcance mundial. Em sua conduta individual, conseqüente com a estratégia revolucionária que acreditava para a América La-

tina, como dirigente comunista Che Guevara deixou seu lugar na construção socialista da nação cubana para entregar-se ao fomento da luta armada revolucionária na América do Sul, acudindo ao que acreditava ser 'o chamado da hora'

Che entendia que não importava o perigo que corresse, inclusive o do sacrifício, um homem ou um povo, “quando estava em jogo o destino da humanidade”. E sobre isso escreveu a seus pais, então: “Nada mudou em essência, salvo que sou muito mais consciente, meu marxismo está enraizado e depurado. Creio na luta armada como única solução para os povos que lutam por libertar-se e sou conseqüente com minhas crenças”.

Uma terceira versão é a de João Quartim de Moraes, em texto publicado no Portal Vermelho. Nela esse autor comenta textos de Michael Löwy, de 1997, e de François Maspero, de 1995, sobre o pensamento de Che Guevara, abordando questões em torno da originalidade da revolução cubana, da ambigüidade das concepções estratégicas sobre a revolução socialista na América Latina e do considerado último combate de que Che participou diretamente, o da Bolívia. João Quartim resgatou texto de Renato Sandri (ex-PC italiano) no qual se encontra o seguinte registro sobre idéias de Che Guevara:

Nos escritos dos últimos meses, não menos que no seu agir, emerge o sentimento trágico da vida, o desafio à morte... Em uma palavra, a natureza hispânica que o havia nutrido. Mas, para além da literatura, a

sua resposta ao horizonte que parecia sem aberturas racionais foi em termos de voluntarismo extremo; concretizou na sua última ação a necessidade de absoluto que havia percorrido todo o seu pensamento (tinha dito na Argélia em 1964: 'hoje buscamos desesperadamente o melhor caminho. Enganamo-nos. Tornamos a nos enganar... Vamos pondo o nosso pequeno grão de areia a serviço da grande aspiração da humanidade: o advento definitivo do comunismo, a sociedade sem classe, a sociedade perfeita')

E nesse texto Quartim de Moraes também dirá que

Nenhuma vitória é garantida de antemão, mas é conquistada na luta, com os meios que lhe são inerentes. O problema decisivo é sempre o de saber se um determinado método de luta, em uma dada situação, leva à organização ou à desorganização das forças revolucionárias, leva ao seu fortalecimento ou ao seu enfraquecimento. Por isso, a consigna dos dirigentes cubanos de que o dever do revolucionário é fazer a revolução só contribui para a causa da emancipação dos povos e dos trabalhadores se levar em conta que o dever de uma direção revolucionária é o de medir, com o máximo senso de responsabilidade, quais são as possibilidades efetivas de vitória, de modo a fazer todo o possível para que os mortos não caiam em vão (in QUARTIM DE MORAES. Uma entranhada presença. Portal Vermelho, 8.10.2007)

A quarta versão aqui invocada é a de Augusto Buonicore (in Portal Vermelho, 09/10/2007), no qual analisa a participação e o pensamento de Che Guevara, tendo em vista o período anterior e posterior à tomada do poder político em Cuba, o período de transição socialista naquele país e as questões colocadas nesse processo do desenvolvimento, em particular a da relação entre a lei do valor e o planejamento central e a do *homem novo*. Nesse texto Buonicore, apesar de algumas ressalvas, afirma que Guevara, em várias passagens de sua obra, provou não absolutizar a luta armada, particularmente a guerrilha rural, e levantou a necessidade de utilização de outros métodos de luta.

Os revolucionários, afirmou Che, não podem prever de antemão todas as variantes táticas a serem utilizadas no processo de luta por um programa libertador. A qualidade de um revolucionário se mede por sua capacidade de encontrar táticas adequadas a cada mudança de situação, em ter sempre em mente as diversas táticas possíveis e explorá-las ao máximo. Seria um erro imperdoável descartar, por exemplo, a participação nos processos eleitorais. Em determinado momento eles podem significar um avanço no programa revolucionário (in BUONICORE, Augusto. O pensamento vivo de Che Guevara. Portal Vermelho, 9/10/2007)

Em seu artigo, Buonicore também informa que Che, antes de partir para a sua luta guerrilheira na Bolívia, escreveu aos pais:

“Outra vez sob meus calcanhares o lombo do Rocinante, retomo o caminho com meu escudo no braço (...) Muitos dirão que sou aventureiro, eu sou de fato, só que de um tipo diferente, daqueles que entregam a pele para demonstrar suas verdades”.

Finalmente, Buonicore manifesta sua opinião divergente da considerada posição dos dirigentes da revolução cubana, entre os quais o Che, de que à época da guerrilha dirigida por este na Bolívia *“existiam condições objetivas para a eclosão de uma revolução socialista em toda a América Latina”*, divergência que perdura na avaliação daquele processo até os dias atuais, como se verá em seguida.

Entre outras inúmeras que existem, a última interpretação a que recorreremos sobre a ação, o pensamento de Che Guevara e suas implicações no processo revolucionário mundial e particularmente latino-americano é o de algumas idéias do comandante Fidel Castro em torno de pontos aqui já aventados, expostas no capítulo 14 do texto denominado *“Cien Horas con Fidel”* (entrevista concedida ao jornalista Ignácio Ramonet. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Ano 1, nº 3, Caderno 25, agosto de 2006, ps. 13/14/15). Com efeito, sobre a divergência em relação à existência ou não de condições objetivas para a efetivação de revoluções socialistas na década de 1960, afirma na citada entrevista Fidel Castro:

As vezes existem condições objetivas para as mudanças revolucionárias e não se dão as condições subjetivas. Foram os fatores de caráter subjetivo os que impediram que realmente naquela época não se estendesse a revolução. O método da



A janela, pintura de René Magritte.

luta armada estava provado. Já lhe digo, Nicarágua triunfa doze anos depois da morte do Che na Bolívia. Quer dizer que as condições objetivas em muitos países do resto da América Latina eram superiores às de Cuba. Aqui existiam muito menos condições objetivas, porém eram suficientes para haver uma, duas ou três revoluções. No resto da América Latina as condições objetivas eram muito maiores

E mais adiante:

Che, quando regressa da excursão prolongada, encontra-se com problemas, produz-se uma bronca entre o dirigente do Partido Comunista Boliviano, Mario Monje, que tinha gente ali e um dos dirigentes da outra linha anti Monge, chamado Moises Guevara. Monge pede a direção e o Che era muito reto, rígido... Eu penso que o Che deveria fazer maior esforço de unidade, é uma opinião que lhe dou. Seu caráter o levava a ser muito franco e entabolara uma áspera discussão com Monje, muitos de cujos quadros haviam ajudado à organização, porque

Inti e os demais eram desse grupo. O que Monje reclamava era impossível, ser chefe daquela força, uma ambição indignante e inoportuna. Já havia alguns problemas e algo que não se tem mencionado ou apenas se menciona e que fez muito dano ao movimento revolucionário na América Latina: a divisão pró-soviéticos e pró-chineses. Isso dividiu toda a esquerda e todas as forças revolucionárias no momento histórico em que existiam as condições objetivas e era perfeitamente possível o tipo de luta que o Che foi promover ali

Sobre Che, sua personalidade, suas atitudes, suas posturas etc, nesse mesmo texto, à pergunta do jornalista sobre se o Che teria pecado por sua rigidez, responde Fidel Castro:

O Che era a super honradez, era super honrado e o termo diplomacia, melhor dizendo, a astúcia, possivelmente o repugnava. Mas, diga-me bem, em nossa própria revolução, quantas vezes descobrimos ambições nos nossos homens? Quem podia substituir? Quem tinha prestígio e talento para ocupar uma determinada responsabilidade? Tolices. Mais de uma vez tivemos que entregar comandos e fazer concessões. Faz falta certo tato em determinadas condições em que se você vai direto não encontra solução. Naquele momento, a ruptura entre Monje e Che causava dano... Você não imagina aqui, algumas coisas que toleramos, erros grandes, cometidos às vezes por um ou por outro. Fizemos sempre por cima de tudo uma crítica ao fato, mas com o espírito de unidade

Ainda nessa entrevista Fidel Castro indica outros problemas e até erros que a seu juízo teriam concorrido para a liquidação prematura daquela experiência guerrilheira na Bolívia e adiante acrescenta sobre a personalidade do Che:

Eu penso que o máximo são os valores morais, a consciência. O Che simboliza os mais altos valores humanos e um exemplo extraordinário. Criou uma grande auréola, uma grande mística. Eu o admirava e o apreciava muito. Sempre produziu muito afeto essa admiração... São muitas as recordações que nos deixou, inapagáveis e por isso digo que é um dos homens mais nobres, mais extraordinários e mais desinteressados que conheci, o que não teria importância se não acreditasse que homens como ele existem aos milhões e milhões na massa. Os homens que se destacam de maneira singular não poderiam fazer nada se muitos milhões, iguais a ele, não tivessem o embrião ou não tivessem a capacidade de adquirir tais qualidades. Por isso nossa Revolução interessou-se por lutar contra o analfabetismo e por desenvolver a educação, para que todos sejam como o Che

Feitas tais considerações, e com base nessa garimpagem, resta-nos concluir com nossos próprios comentários. Se for possível sintetizar tantos ângulos, dimensões e conexões que envolvem o pensamento e a ação de Che Guevara, na vida humana em geral e em suas repercussões mais próximas de nós, sobretudo na América Latina, fixamo-nos na excelsa contradição entre duas

máximas que caracterizam a dialética entre sua vida e sua morte, a saber: a contida na frase “há que endurecer-se, mas sem perder a ternura jamais”, cuja autoria um dos seus inimigos aqui resgatados - os proprietários da revista VEJA - tenta inescrupulosamente arrancar-lhe. Nela estão expressos os dois sentidos nítidos de sua vida e de sua morte. De um lado, como registrou Heredia em seu livro já citado, “o grande sentimento de amor, pelo qual estaria guiado o revolucionário verdadeiro e a nova síntese com que estaria envolvida a transição ao comunismo, que permitiria ao pensamento cumprir seu papel integrador e gerador de vínculos solidários entre os grupos e os indivíduos”; de outro, o ódio de classe, do explorado contra o explorador, que o próprio Che assinala, em um de seus livros (in GUEVARA, Che. *Textos Políticos*. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 1980, ps.123/124), ao afirmar: “o ódio como fator de luta, o ódio intransigente ao inimigo, que impulsiona além das limitações naturais do ser humano e o converte numa efetiva, vio-

lenta, seletiva e fria máquina de matar. Os nossos soldados têm de ser assim, um povo sem ódio não pode triunfar sobre um inimigo brutal”.

É nesse nexo contraditório que se cristaliza o seu humanismo aparentemente apenas cristão, mas sem dúvida essencialmente comunista. É como se nele se manifestassem, simultaneamente, Cristo e Barrabás. De seu humanismo comunista emergiu o pedestal de sua imagem mística, atualmente até mercantilizada, que, não obstante, os seus mais ferrenhos inimigos tentam também destruir ou ao menos desconstruir. Que se cuidem estes se, mais dia menos dia, as grandes massas exploradas, sobretudo jovens, da humanidade atual, não se contentarem com o empolgamento apenas com essa sua face, mas passarem igualmente e se encantarem com a outra, a do ódio ao inimigo de classe, o explorador, que também levou o Che tanto à perseverança nas formas mais extremas de luta quanto ao necessário real sacrifício que ele concebeu, professou e praticou.



Che Guevara e Fidel Castro, comandantes da revolução cubana.

ESCRITOS SOBRE SOCIALISMO E JUVENTUDE

A reflexão anterior sobre a complexidade do humanismo revolucionário do Che alerta para a marca peculiar e o sentido de seus textos endereçados aos jovens, aos camaradas em tempos de batalhas em diferentes partes, como no Congo e na Bolívia e de construção do socialismo em Cuba. Esses textos trazem a preocupação de aliar exemplo a princípios e orientações, chamando atenção para a importância de vivenciar a realidade do povo e compreender suas formas de vida, considerando que a comunicação se faz pelo relacionamento direto; destacam a importância do estudo mesmo em períodos de luta, incluindo em seus planos de leitura filosofia e estratégia militar, entre outros gêneros; enfatizam que o trabalho, em situação de construção do socialismo, necessita de outros vetores de referência que não o lucro ou a gratificação mais imediata; frisam a importância da disciplina, mas cuidando-se contra seguidismos e sectarismos castradores da criatividade crítica, e ressaltam a importância de alimentar o otimismo sobre o vir-a-ser do socialismo. Considerando, entretanto, que o triunfo do projeto socialista exigiria dedicação, a formação de vanguardas que não necessariamente seriam sobre-humanas, mas movidas por tal projeto, a gratificação do ser parte de uma história.

Também em número especial da revista *Caros Amigos* (ano XI, número 35, out/2007) são destacadas as múltiplas faces do Che, ou melhor, o revolucionário em sua integralidade. Essa edição especial traz como chamada “*Che, combatente e intelectual*”, e apresenta planos de leitura rascunhados pelo Che, que incluem a revisão de clássicos do socialismo, filósofos contemporâneos e história do capitalismo e dos países em desenvolvimento, em particular daqueles em que suas ações mais mediatas se focalizavam. Teria desenvolvido o hábito de leitura desde criança e já na adolescência escrevia diários com anotações das leituras: “*Tudo que lia anotava num caderno que chamava de Índices de livros. Aos 17 anos começou a escrever seu Dicionário de Filosofia, coletânea de conceitos, biografias e correntes filosóficas*” (in *Caros Amigos*, out/2007. p. 7).

Teria desenvolvido o hábito de leitura desde criança e já na adolescência escrevia diários com anotações das leituras: “Tudo que lia anotava num caderno que chamava de Índices de livros. Aos 17 anos começou a escrever seu Dicionário de Filosofia, coletânea de conceitos, biografias e correntes filosóficas”

...que vejo: pelo menos não me nutro com as mesmas formas que os turistas. (...) Não, não se conhece assim um povo, uma forma e uma interpretação da vida, aquilo é luxuosa cobertura, porém sua alma está refletida nos enfermos dos hospitais, nos asilados no albergue, ou no pedestre com quem se conversa intimamente... (In *Caros Amigos*, out/2007. p. 7)

Mas o caminho do conhecimento conjugou a preocupação com leituras constantes e viagens com singular olhar. Em seu diário, quando da primeira viagem pela Argentina, com 22 anos, comenta o então Ernesto Guevara:

...que vejo: pelo menos não me nutro com as mesmas formas que os turistas. (...) Não, não se conhece assim um povo, uma forma e uma interpretação da vida, aquilo é luxuosa cobertura, porém sua alma está refletida nos enfermos dos hospitais, nos asilados no albergue, ou no pedestre com quem se conversa intimamente... (In *Caros Amigos*, out/2007. p. 7)

Às vésperas de partir no Granma, em outubro de 1956, para a



Che em pescaria a bordo do Granma.

luta em Cuba, escreve uma carta para sua mãe em que é ressaltada a determinação por conhecer e transformar, aprofundando-se em escritos marxistas mas curvando-se à necessidade do chamado do presente pelo futuro:

Eu estou a caminho de mudar a ordem dos meus estudos: antes me dedicava mal ou bem à medicina e o tempo livre era dedicado ao estudo informal de São Carlos (Marx). A nova etapa de minha vida traz também a mudança de ordem: agora São Carlos é primordial, é o eixo pelos anos em que o esferóide me admitir em sua camada mais externa... decidi cumprir primeiro as funções principais, arremeter contra a ordem das coisas, com o escudo no braço, todo fantasia e, depois, se os moinhos não me quebrarem a cabeça, escrever... Pra evitar patetismos pré-morte essa carta sairá

quando as batatas estiverem assando de verdade (In *Caros Amigos*, out/2007. p. 11)

A preocupação do Che com o lugar da formação intelectual crítica do revolucionário ilustra-se em vários escritos e discursos, principalmente quando se dirige aos jovens, mas o que vale enfatizar é como tal preocupação o acompanha, independentemente da frente em que estivesse. Também chama atenção seu acento em uma educação que fugisse dos parâmetros “doutrinários”, ou seja, em que não se desse ao povo apenas “*divulgação marxista*” mas se colaborasse para uma “*cultura marxista*”, o que deveria passar pelo debate de clássicos da filosofia, do marxismo, dos filósofos modernos, das polêmicas e autores capitalistas. Já em fase de guerrilha pós-revolução cubana, quando se preparava para o combate na África (04/12/1965), escreve para Armando Hart, então Ministro da Educação de Cuba:

...quero te expor algumas idéiazinhas sobre a cultura de nossa vanguarda e de nosso povo em geral. Neste longo período de férias enfiei o nariz na filosofia, coisa que há tempo pensava fazer. Deparei-me com a primeira dificuldade em Cuba: não há nada publicado, se excluimos os tijolos soviéticos que têm o inconveniente de não te deixar pensar;

o partido já o fez por ti e tu deves digerir. Como método, é o mais antimarxista, mas, além disso, costumam ser muito ruins. A segunda, e não menos importante, foi meu desconhecimento da língua filosófica (lutei duramente contra o mestre Hegel e no primeiro assalto sofri duas quedas). Por isso fiz um plano de estudos para mim que, acredito, pode ser estudado e muito melhorado para constituir a base de uma verdadeira escola de pensamento; já fizemos muito, mas um dia teremos também de pensar. Meu plano é de leituras, naturalmente, mas pode ser adaptado para publicações sérias da Editora Política. Se deres uma olhada nas publicações dela poderás ver a profusão de autores soviéticos e franceses que ela tem... Assim não se dá cultura marxista ao povo, no máximo divulgação marxista, o que é necessário, se a divulgação é boa (não é este o caso), mas insuficiente. Meu plano é este: 1. Clássicos filosóficos; 2. Grandes dialéticos e materialistas; 3. Filósofos modernos; 4. Clássicos da economia e precursores; 5. Marx e o pensamento marxista; 6. Construção socialista; 7. Heterodoxos e capitalistas e 8. Polemicas (In *Caros Amigos*, out/2007. p. 16)

Já a editora Anita Garibaldi apresenta textos de Guevara anteriores (quando em Cuba), escritos entre 1959 e 1962, reunidos por Sandra Alves (GUEVARA, Che. *Socialismo e juventude. Textos e fotos*. 2º reimpressão. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005). Os textos refletem sobre o socialismo e a importância de uma juventude e de uma universidade modeladas por valores apropriados à consolidação do socialismo, tendo como referência a ilha caribenha.

No prefácio aos textos de Guevara, José Carlos Ruy enfatiza discurso pronunciado pelo Che quando do segundo aniversário da União de Jovens Comunistas (UJC) de Cuba, ressaltando tanto seu elogio ao entusiasmo da juventude quanto sua crítica ao sectarismo, ao “vício do reunismo”, que atrapalharia o envolvimento em tarefas concretas. Aquele autor também ressalta a argumentação de Guevara contra uma comum desqualificação, aliás bem contemporânea, que se faz nos países capitalistas contra os militantes socialistas, qual seja a de que estes sacrificariam a individualidade em prol do Estado - no caso da Cuba dos anos 1960, em prol da construção do Estado socialista. Como indica José Carlos Ruy, Guevara considerava que na luta guerrilheira fez especial diferença a subjetividade, a formação de um sujeito feito na relação entre um projeto por mudanças so-



Che discursa durante ato no teatro da Central dos Trabalhadores de Cuba, Havana, 1962.

A preocupação do Che com o lugar da formação intelectual crítica do revolucionário ilustra-se em vários escritos e discursos, principalmente quando se dirige aos jovens, mas o que vale enfatizar é como tal preocupação o acompanha.

Em linguagem atual dos estudos culturais poder-se-ia frisar a antinomia entre ser ativista socialista e o individualismo pequeno-burguês, a gratificação ancorada no prazer imediato, no auto e alter consumo. Mas também, sugere a reflexão Guevariana, a importância de que em tal ativismo se conceba o lugar da individuação, caracterizada pela formação da identidade passando pela alteridade, pelo contato com o outro.

ciais e a sensibilidade e a vivência junto ao povo oprimido: *“O que fica difícil entender para quem não vive a experiência da revolução é essa estreita unidade dialética existente entre o indivíduo e a massa, onde ambos se inter-relacionam”* (GUEVARA apud RUY, José Carlos in GUEVARA, Che. *Socialismo e juventude. Textos e fotos*. 2º reimpressão. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005. p. 9).

Em linguagem atual dos estudos culturais poder-se-ia frisar a antinomia entre ser ativista socialista e o individualismo pequeno-burguês, a gratificação ancorada no prazer imediato, no auto e alter consumo. Mas também, sugere a reflexão Guevariana, a importância de que em tal ativismo se conceba o lugar da individuação, caracterizada pela formação da identidade passando pela alteridade, pelo contato com o outro (no caso, identificado como possível companheiro de projeto de classe). Um outro, o povo, que passa a ser parte da

referência, mas uma referência que se filtra por um outro projeto de si e do outro, “o homem [sic, a pessoa humana] novo” - mudança esta que, claro, se ampara em perdas existenciais de benesses do sistema.

A unidade dialética entre revolucionário e povo, a que se refere Guevara, pediria exemplos, uma outra prática, crítica, evitando a noção de vanguarda como algo distanciado do povo, ordenado por burocratismos, seguidismos e sectarismos, males que abortariam a criatividade e a construção de uma outra ordem, e que segundo Guevara rondariam organizações relacionadas ao Partido em Cuba, nos anos 60. Em vários textos dirigidos aos jovens comunistas, Che qualificava sua ênfase no estudo, no trabalho e na disciplina, ou seja em um certo tipo de estudo, de trabalho e de disciplina embasados em um certo tipo de projeto, sublinhando a importância da individuação criativa orientada pelo projeto socialista.

Em discurso comemorativo do segundo aniversário da UJC, em 20 de outubro de 1962, declara Guevara (GUEVARA, Che. *Socialismo e juventude. Textos e fotos*. 2º reimpressão. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005. p.s 21-22):

É evidente que a UJC, como organismo menor, como irmão menor das Organizações Revolucionárias Integradas, tem de beber dali as experiências dos companheiros que trabalharam mais em todas as tarefas revolucionárias, e deve escutar sempre com respeito a voz dessa experiência.

Mas a juventude precisa criar. Uma juventude que não cria

é uma anomalia, realmente. E para a UJC tem faltado um pouco de espírito criador. Tem sido, por meio de sua liderança, demasiadamente dócil, respeitosa e pouco decidida a resolver seus próprios problemas...

Nossa juventude, incluindo nós, está convalescendo de uma enfermidade que, felizmente, não foi muito grave, mas que influenciou muito para o atraso do aprofundamento ideológico de nossa revolução. Estamos todos convalescendo desse mal chamado sectarismo.

A que conduz o sectarismo? Conduz à cópia mecânica, às análises formais, à separação entre os dirigentes e as massas... se não ouvimos a voz do povo... as palpitações do povo para transformá-las em idéias concretas, em diretivas precisas, mal poderíamos passar essas diretivas à União dos Jovens Comunistas

A importância da integração entre dirigentes, revolucionários e o povo Guevara aprendeu não somente em textos de clássicos

Em vários textos dirigidos aos jovens comunistas, Che qualificava sua ênfase no estudo, no trabalho e na disciplina, ou seja em um certo tipo de estudo, de trabalho e de disciplina embasados em um certo tipo de projeto, sublinhando a importância da individuação criativa orientada pelo projeto socialista.

do marxismo, mas na sua vivência quando das lutas na Revolução Cubana, refletindo que os exemplos, a postura dos guerrilheiros teriam contribuído para aproximar os camponeses, expostos à violência do exército de Batista. Ele conta sobre a marcha em solo cubano após o desembarque do Granma:

Os camponeses nos viam passar sem nenhuma cordialidade. Mas Fidel não se incomodava. Cumprimentava-os sorrindo... Quando nos negavam comida, seguíamos a marcha sem protestar. Pouco a pouco o campesinato foi notando que os barbudos que andávamos 'levantados' constituíamos precisamente o contrário dos guardas que nos procuravam. Enquanto o exército de Batista se apropriava de tudo que lhe conviesse dos bohios [casas simples dos camponeses cubanos] - até as mulheres, é claro - a turma de Fidel Castro respeitava as propriedades dos quajiros e pagava generosamente tudo que consumia

O terrorismo implantado pelo exército de Batista foi sem dúvida nosso aliado mais eficaz nos primeiros tempos (in Caros Amigos, out/2007. p. 6)

Em “Mensagem aos combatentes”, escrita em linha de combate no Congo, Guevara também ressalta a importância da educação e do exemplo, assim como do companheirismo, em um processo revolucionário:

É preciso aprender as coisas do Congo para nos ligar mais aos companheiros congolezes, mas é preciso aprender o que



nos falta de cultura geral e da própria arte da guerra... Nossa função primordial é educar homens para o combate, e se não houver uma real aproximação não poderá ocorrer essa educação que não deve ser só a maneira de matar um indivíduo, mas também e sobretudo a atitude diante dos sofrimentos de uma longa luta; isso só se consegue quando o professor pode ser tomado também como modelo a seguir pelos alunos (assina Tatu, pseudônimo de Che em língua suáili, em 12 de agosto de 1965, durante a guerrilha no Congo. In Caros Amigos, out/2007. p. 21)

Tais princípios fazem parte do léxico revolucionário do Che, considerando que da juventude comunista se construiriam o novo homem e a nova mulher, o que ele entendia por vanguarda, identificando formatações diferenciadas de acordo com o momento histórico e as necessidades da Revolução.

A União dos Jovens Comunistas seria a única organização cubana pós-revolucionária que traria o adjetivo de “comunista”, apontando para um vir-a-ser

Juventude, população no presente; juventude, população no futuro – debate que hoje se apresenta no plano de concepções sobre juventudes e suas necessidades, em países como o Brasil em início de século XXI.

– o que bem sugere a importância com que se concebia a juventude no hoje para a construção do amanhã. De fato, segundo Guevara, foi Fidel quem sugeriu o nome: “A União dos Jovens Comunistas está diretamente orientada para o futuro... Para isso, a UJC alça seus símbolos que são os símbolos do povo de Cuba: o estudo, o trabalho e o fuzil”.

Juventude, população no presente; juventude, população no futuro – debate que hoje se apresenta no plano de concepções sobre juventudes e suas necessidades, em países como o Brasil em início de século XXI. Já nos escritos do Che tal aparente dicotomia segue outros parâmetros, em tempos de construção do socialismo cubano, na década de 60, já que o vetor de referência é um processo em que indivíduo e causa se confundem e o futuro se gesta no presente.

A UJC teria nascido, então, com outro nome (Associação de Jovens Rebeldes e Milícias Nacionais Revolucionárias), segundo o Che quando da formação do Exército Rebelde, “nas tarefas massivas da defesa nacional, que era o problema mais urgente e que precisava de uma solução mais rápida” (GUEVARA, Che. *Socialis-*

Guevara refuta a crítica segundo a qual um tal ideário estaria pautado por romanticismo idealista, fazendo do jovem comunista assim pensado um “arquetipo humano”. De fato sua própria trajetória ilustra o que projetava para os jovens comunistas. Guevara foi um jovem comunista.

mo e juventude. Textos e fotos. 2º reimpressão. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005. p. 15). Guevara, no mesmo discurso, destaca a importância da UJC para a “*elevação política da juventude cubana*”.

O trabalho, além do estudo, da defesa e da formação política, é referência comum nos textos de Guevara dirigidos à juventude comunista. O norte de construção do socialismo também modela as referências ao trabalho e ele frisa a importância dos jovens comunistas considerarem o trabalho em tal perspectiva: “*Não pode haver defesa do país somente no exercício das armas, dispostas à defesa; também devemos defender o país construindo-o com o nosso trabalho e preparando os novos quadros técnicos*” (GUEVARA, Che. *Socialismo e juventude. Textos e fotos. 2º reimpressão. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005. p. 15).*

Contudo, ele reconhece a complexidade de, mesmo em uma sociedade consolidando sua Revolução, como na Cuba nos anos 60, “*fazer do trabalho algo criador, algo novo*”. Declara no mesmo discurso que esse seria um dos pontos mais débeis da UJC de então: mobilizar as pessoas para o envolvimento com o trabalho, mesmo que este tenha características diferentes do trabalho no capitalismo, sendo necessário para a nova sociedade. Insiste no investimento em incentivos morais, na perfilhação de valores básicos como os que pinçamos de seu discurso quando destaca o que entende como tarefas de um jovem comunista:

★ *“a honra que se sente por ser jovem comunista”;*

★ *“o sentido de dever diante da sociedade que estamos construindo”;*

★ *“uma grande responsabilidade diante dos problemas, grande sensibilidade diante das injustiças; espírito inconformado cada vez que surge algo que está errado”;*

★ *“declarar guerra ao formalismo... estar sempre aberto para receber as novas experiências”;*

★ *“ser um exemplo vivo... ser o exemplo no qual possam mirar-se os homens e mulheres de idade mais avançada que perderam certo entusiasmo juvenil”;*

★ *“um grande espírito de sacrifício, não somente para as jornadas heróicas, mas para todos os momentos”;*

★ *“desenvolver ao máximo a sensibilidade até sentir-se angustiado quando se assassina uma pessoa em qualquer lugar do mundo e sentir-se entusiasmado quando em algum lugar do mundo se erga uma nova bandeira de liberdade... não se limitar pelas fronteiras de um território... praticar o internacionalismo proletário”* (GUEVARA, Che. *Socialismo e juventude. Textos e fotos. 2º reimpressão. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005. p. 27-28)*

Guevara refuta a crítica segundo a qual um tal ideário estaria pautado por romanticismo idealista, fazendo do jovem comunista assim pensado um “*arquetipo humano*”. De fato sua própria trajetória ilustra o que projetava para os jovens comunistas. Guevara foi um jovem comunista.

Sua percepção de humanismo prende-se ao horizonte de possibilidades do ser humano, que é interrompido por um sistema de injustiças mas que pode ser construído: o projeto de construção do socialismo é também um projeto que levaria o ser humano à realização de tal potencialidade humanista. Assim, defende Guevara que o jovem, se comunista, pode se destacar em tal direção:

...propõe-se a todo jovem comunista ser essencialmente humano. Ser tão humano que se acerque do melhor do humano. Purificar o melhor do homem [e da mulher] por meio do trabalho, do estudo, do exercício contínuo da solidariedade com o povo e com todos os povos do mundo (GUEVARA, Che. *Socialismo e juventude. Textos e fotos. 2º reimpressão. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005. p. 28).* 📍

*PEDRO CASTRO é sociólogo, professor aposentado da Universidade Federal Fluminense (UFF) e militar da reserva (PMBa).

**MARY GARCIA CASTRO é socióloga, professora aposentada da Universidade Federal da Bahia e professora dos Mestrados em Família na Sociedade Contemporânea e Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica de Salvador; membro da diretoria da União Brasileira de Mulheres (UBM) e do Conselho Consultivo do CEMJ.